

Semana inglesa pode ter acordo para evitar voto

O presidente da Câmara Legislativa, Salviano Guimarães (PFL), e o líder do Governo, Maurílio Silva (PTR), estão articulando uma ampla negociação que poderá resultar num acordo entre comerciantes e comerciários, a ser firmado nos próximos dias, antes que o governo Joaquim Roriz decida sobre o projeto da semana inglesa. A possibilidade de voto total ou parcial é "muito grande", segundo deputados da bancada governista. O prazo para o governador se pronunciar sobre o assunto se esgota no próximo dia 22.

Salviano deseja que os dois sindicatos — comerciantes e comerciários — se reúnem na Câmara com os deputados. "Vamos fazer um entendimento aqui na Câmara", afirmou Salviano ao *Jornal de Brasília*, acrescentando que é possível se elaborar "um substitutivo que resguarda o direito dos comerciários e também dos comerciantes e consumidores".

De acordo com Salviano, o governador Roriz poderá vetar totalmente o projeto "desde que apresentemos um substitutivo, fruto de um acordo entre as partes". Outra hipótese, segundo o presidente da Câmara, é a de Roriz vetar apenas o artigo 4º do projeto, segundo o qual o comércio poderia abrir depois das 12h00 dos sábados, desde que fosse firmado acordo entre o Sindicato dos Comerciários e as empresas. "O governador poderá alegar que esse artigo é inconstitucional, por entender que se atribuiu aos sindicatos poderes de estabelecer o horário do comércio".

Salviano disse que prefere essa hipótese. "Fica mais fácil negociar apenas uma mudança nesse artigo, de forma a garantir o funcionamento do comércio após o meio-dia de sábado", afirmou.

A deputada Rose Mary Miranda (PTR), favorável à semana inglesa, afirmou ter informações de que Roriz "quer esse entendimento, porque entende que os comerciários não podem ser prejudicados". Questionada se apóia o voto ao projeto, Rose explicou que "em vez de derrubá-lo, prefiro a negociação".

Trabalho faz levantamento

A partir de julho o empresariado, o GDF e os sindicatos vão ter à sua disposição dados seguros sobre o mercado de trabalho de Brasília. Convênio feito entre a Secretaria do Trabalho e a Codeplan, anunciado ontem pelo secretário Renato Riella, permitirá a realização de uma pesquisa sobre o assunto, utilizando metodologia idêntica à usada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos (Dieese).

Hoje, informou o secretário do Trabalho Renato Riella, o planejamento de políticas de geração de empregos e direcionamento de investimentos são realizados utilizando dados do relatório anual do IBGE de 1980 e pesquisas mensais da Codeplan. Com o uso do método do Dieese — afirmou — haverá maior firmeza no estabelecimento de projetos para todos os setores de atividade.

Isto porque, explicou Riella, o método implica na realização de 2.400 entrevistas domiciliares, divididas pelas 12 regiões administrativas do Distrito Federal e por todos os setores de atividades. Até mesmo o mercado informal será pesquisado, ponto significativo na busca de um quadro real do mercado de trabalho, uma vez que, de acordo com o anuário do IBGE de 1980 esta área corresponde a 40% das atividades produtivas da cidade.



Marcos Rezende



Marcos Rezende

Maurílio e Salviano articulam negociações entre comerciantes e comerciários para resolver impasse

Pesquisa poderia alterar votação

"Seria bom que essa pesquisa fosse feita antes da votação do projeto", comentou ontem o deputado Fernando Naves (PDC), referindo-se à pesquisa realizada pelo Instituto Soma Opinião e Mercado, com exclusividade para o *Jornal de Brasília*, segundo a qual 65% dos consumidores do DF rejeitam a semana inglesa. Para Fernando Naves, se a pesquisa fosse divulgada antes da votação, os deputados teriam condição de "refletir melhor". Naves ressalva que não sabe se o seu voto favorável à instituição da semana inglesa seria o mesmo. "Não sei se votaria diferente, mas poderia fazer uma reflexão maior".

Esta também é a opinião do deputado Tadeu Roriz (PSC). "Acho que tinha que ser começado pela pesquisa", disse Tadeu. "Ela foi muito oportunidade e comprova que a população rejeita a semana inglesa como ela foi colocada", entende o deputado. Tadeu votou a favor do projeto no primeiro turno e, no segundo, foi voto vencido, pois não conseguiu aprovar uma emenda.

O secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Ezil da Veiga, afirmou que o fechamento do comércio aos sábados à tarde pode representar um retorno ao passado. Ele explica que em todo o mundo são feitos esforços para ampliar o horário de abertura das lojas, o que representa o progresso. Ele citou que em muitos países um número grande de empresas atendem aos seus clientes inclusive aos domingos. "Em qualquer cidade sempre haverá alguém que queira comprar e alguém que queira vender". É uma questão de ajustar os horários", definiu.

O secretário do Trabalho, Renato Riella, admite que desde o mês de dezembro do ano passado o comércio vem enfrentando um período de dificuldades e crise. Para ele a decisão final caberá ao governador Joaquim Roriz. Quanto à alegação dos comerciários de que a exploração é uma constante entre os funcionários do comércio do Distrito Federal, ele adverte que existem inúmeros mecanismos capazes de defender o trabalhador.

Ezil da Veiga considera que a implantação da semana inglesa deve conjugar dois aspectos: a necessidade da população e a obediência às questões trabalhistas. Para isso ele diz que são necessárias habilidade e atenção por parte da empresa. O secretário lembra que na própria Inglaterra as lojas permane-

da de sua autoria que possibilitava a criação de um novo turno de trabalho aos sábados e domingos.

"Acho que o governador Roriz vai vetar e minha posição é a de manter o voto", afirmou Tadeu Roriz. Segundo ele, a alternativa é de se chegar a um acordo e se fazer outro projeto que "atenda a todas as partes". O deputado Benício Tavares (PDT), que achou a pesquisa "interessante", disse que vai votar "favorável" a um provável voto parcial do governador: "Mas condicione esse voto a um acordo para a abertura do comércio aos sábados".

"Mas é necessário e imperioso que a decisão de abrir após às 12h00 de sábado não fique só com o sindicato dos comerciários", defende o deputado.

O presidente da Câmara também achou a pesquisa "muito boa". Salviano Guimarães acha que ela "revela o sentimento das pessoas, que em sua maioria são contrárias ao fechamento do comércio aos sábados".

Inovação

Alguns deputados, entretanto,

criticaram o trabalho da Soma: Agnelo Queiroz (PC do B) acha que a forma como foram feitas as perguntas "não foi feliz" porque, no seu entendimento, "induz a população que vai haver um prejuízo e não esclarece que há uma ampla possibilidade de negociação entre sindicato e empresas". Agnelo se referiu ao artigo 4º do projeto, que possibilita a negociação. O deputado José Ornelas (PL) disse que a pesquisa "omitiu o artigo 4º". Peniel Pacheco (PST) também lamentou o fato desse artigo não ter sido tocado na pesquisa. O mesmo aconteceu com a deputada Lúcia Carvalho (PT).

O presidente do Sindicato dos Comerciários, Raimundo Neves, que estava ontem na Câmara Legislativa, reiterou que não fará "acordo isolado com shoppings ou supermercados. Só se for global". Ele descartou, contudo, a possibilidade de o comércio abrir nos sábados até às 22h00. "Podemos negociar a abertura até às 18h00, mas isso vai depender da proposta que o sindicato patronal apresentar", afirmou Raimundo Neves.

Secretários analisam

O Secretário da Indústria, Comércio e Turismo, Ezil da Veiga, afirmou que o fechamento do comércio aos sábados à tarde pode representar um retorno ao passado. Ele explica que em todo o mundo são feitos esforços para ampliar o horário de abertura das lojas, o que representa o progresso. Ele citou que em muitos países um número grande de empresas atendem aos seus clientes inclusive aos domingos. "Em qualquer cidade sempre haverá alguém que queira comprar e alguém que queira vender". É uma questão de ajustar os horários", definiu.

cem abertas nas tardes de sábado e muitas pessoas fazem compras neste horário.

Organização

Renato Riella acredita que os abusos denunciados pelos comerciários são comuns em todas as categorias profissionais. Segundo ele a melhor maneira de impedir, ou reduzir esta exploração é promover a organização da sociedade para se proteger. O Secretário do Trabalho disse que conhece as deficiências enfrentadas pela Justiça do Trabalho e pela própria Secretaria que muitas vezes, por falta de estrutura torna-se incapaz de proteger com rapidez os trabalhadores.

"Para que o governo possa defender os funcionários explorados é importante que eles denunciem" diz Riella. Apesar disso o Secretário do Trabalho considera que ainda está cedo para analisar os resultados de algo que ainda não foi decidido.

Pesquisa

"A pesquisa divulgada pelo *Jornal de Brasília* mediu o que já intuía: a maioria da população não concorda com o projeto aprovado sobre a semana inglesa".

A declaração é do secretário da Fazenda, Dário Reis, que afirmou ontem que este é seu ponto de vista pessoal sobre a questão". "O que nós precisamos é trabalhar e este é um direito que não pode ser cerceado", frisou.



Dida Sampaio

Campanatti: retrocesso

Resultado não causa surpresa

As entidades representativas dos empresários de Brasília não se surpreenderam com o resultado da pesquisa publicada pelo *Jornal de Brasília*, no domingo. Eles acreditam que o total de consumidores, insatisfeitos com o fechamento do comércio aos sábados à tarde (65%), pode aumentar depois da campanha de esclarecimento que vai abranger todos os veículos de comunicação a partir de hoje.

Paralelamente à campanha, os comerciantes iniciarão uma nova pesquisa, mais abrangente do que a primeira, divulgada semana passada. Serão entrevistados mil consumidores do Plano Piloto e cidades-satélites. O vice-presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Lázaro Marques, acredita que o total de pessoas contrárias ao novo horário pode chegar a 80%.

O superintendente do ParkShopping, Joel Campanatti, adverte que o maior prejuízo decorrente da semana inglesa vai atingir os consumidores das classes C, D, e E caracterizada por aqueles que trabalham a semana inteira, cujo único dia reservado às compras é o sábado. "O novo horário vai representar a volta à década de 30" diz Campanatti. Ele acredita que a marginalidade representada pelo comércio ilegal será incorretamente incentivada.

Já o superintendente do Conjunto Nacional, José Raimundo Pires, acredita que o governador Joaquim Roriz terá bom senso no momento de decidir pela sanção ou voto do projeto de implantação da semana inglesa. "Os deputados votaram com precipitação. Eles se queceram de ouvir a população" diz Pires. O responsável pelo Alameda Shopping, Odair Daroque, afirmou que os lojistas estão preocupados com o novo horário, principalmente porque 50% das vendas do shopping são efetuadas aos sábados, depois das 15h00.

O presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Núria Andrade, garante que a negociação entre os comerciários e os patrões dificilmente vai ocorrer, já que "o sindicato não está aberto a negociações". Segundo ele o engulho às feiras de produtos industrializados vai significar a liquidação do comércio do Distrito Federal.